

Empresários querem base de apoio local da Petrobras

Estrutura para ajudar em atividades *offshore* é plano para estimular empregos na região

LUCAS KREMPEL

DA REDAÇÃO

Um estudo da Geo Brasilis, contratado pela Associação Comercial de Santos (ACS), vai apontar ao menos quatro áreas que podem se transformar em base de apoio às atividades *offshore* (distante da costa) do setor de petróleo e gás na Baixada Santista. A apresentação desse levantamento ocorrerá em 3 de abril, em Santos. Em local a ser definido, terá presença de representantes de petrolíferas, prefeitos, secretários municipais e estaduais, técnicos do Governo Federal e autoridades portuárias.

Instalar uma base de apoio às atividades *offshore* é o grande desafio e desejo dos empresários do setor na região. Além de atrair mais empresas e recursos, tal investimento também é o grande motor para a geração de empregos técnicos na área.

A discussão para implantar tal equipamento na Baixada Santista já dura quase dez anos. E vem acompanhada de uma série de reviravoltas. A Petrobras, por exemplo, já lançou licitação, recolheu, anunciou interesse, voltou atrás. Mas um grupo de empresários da região mantém o objetivo.

“Essa base é necessária na região. Precisamos trazer os investimentos para a Baixada Santista. Não podemos deixar que fique tudo concentrado no Rio de Janeiro”, comenta o coordenador da Câmara de Petróleo e Gás da Associação Comercial de Santos (ACS), Vicente do Valle.

Uma base de apoio consiste em oferecer às empresas de petróleo e gás toda a infraestrutura necessária à instalação de projetos do setor. Normalmente, dispõe de área para funções como estocagem, cais de atracação, empilhadeiras, guindaste, estaleiro, rebocadores, balsas, oficinas de elétrica e mecânica.



Estatual mantém 1.800 pessoas na Unidade de Operações de Exploração e Produção da Bacia de Santos

Crescimento

Os problemas enfrentados pela Petrobras, decorrentes da deflagração da Operação Lava Jato, não têm impedido a empresa de bater recordes de produção. Em dezembro, por exemplo, superou pela primeira vez a marca de 2,4 milhões de barris de óleo equivalente por dia (boe/d, soma de óleo e gás), cerca de 3% acima do recorde anterior. O avanço ocorre em função do forte investimento no pré-sal. Em 2016, a petrolífera alcançou 1,02 milhões de boe/d, crescimento de 33% na comparação com 2015.

Segundo Valle, a base de apoio é a “portaria da fábrica, que está em alto-mar”. “É ela que vai atrair os fornecedores de serviços, gerar empregos e

movimentar o setor. Precisamos dela para trabalhar com peças e componentes”.

O Porto de Açu, em São João da Barra, no Rio de Janeiro, destinou uma área de 1.030 metros de cais para 16 berços de atracação de navios. Até janeiro, a Brasil Port, empresa que ocupa o Porto de Açu, havia gerado 300 empregos, mas a estimativa é chegar a 20 mil quando se concluir toda a implantação.

PETROBRAS

Em resposta aos questionamentos de *A Tribuna*, a Petrobras informou que constantemente estuda e avalia oportunidades de negócios. “No momento, não existe a intenção de nova licitação”.

Tal estratégia de não expor suas demandas é algo comum na Petrobras. O desenvolvimento das atividades no pré-sal da Bacia de Santos vai re-

querer esse tipo de serviço na Baixada Santista, tendo em vista que tais operações, se concentradas no Rio de Janeiro, podem acarretar problemas para a estatal no futuro. As áreas portuárias no Estado fluminense estão sobrecarregadas.

Atualmente, a Petrobras conta com um efetivo de 1.800 pessoas na Unidade de Operações de Exploração e Produção da Bacia de Santos (UO-BS), no Valongo. Tal número inclui empregados e profissionais de empresas prestadoras de serviço, que ocupam o prédio.

Da mesma forma que a base de apoio às atividades *offshore*, o projeto no Valongo também só crescerá com o aumento da demanda de serviços na Bacia de Santos.

“(O projeto no Valongo) Foi desenvolvido levando-se em conta o dimensionamento da força de trabalho. A torre existente atende ao momento atual da composição de efetivo”, informou a empresa, a respeito da possibilidade de construir as outras duas torres previstas no projeto original.